

DESAPEGO DE TUDO E APEGO A DEUS



irmã Tereza

Eu não tenho uma pedra onde assentar a cabeça.

(Jesus Cristo)

Onde estiver teu tesouro aí estará o teu coração.

(Jesus Cristo)

Tudo me é permitido, mas nem tudo me convém.

(Paulo de Tarso)

Eu e o Pai somos um.

(Jesus Cristo)

Não sou Eu quem vive, mas é o Pai que vive em Mim.

(Jesus Cristo)



ÍNDICE

Introdução

1 – A virtude do desapego

1.1 – Desapego dos bens materiais

1.2 – Desapego dos interesses materiais

1.3 – Desapego dos outros Espíritos

1.4 – Desapego do corpo alheio

1.5 – Desapego da própria inteligência

1.6 – Desapego dos interesses alheios

1.7 – Desapego do passado

1.8 – Superação das posturas inconvenientes

2 – Apego a Deus

2.1 – O Tao Te Ching

3 – Exemplos de desapego

3.1 – Jesus

3.2 – Sócrates

3.3 – Francisco de Assis

3.4 – Juana Inés da la Cruz

3.5 – Francisco Cândido Xavier

3.6 – Madre Tereza de Calcutá

3.7 – Yvonne do Amaral Pereira

4 – Jesus: exemplo máximo de apego a Deus

Conclusões



INTRODUÇÃO

Quando o Espírito alcança o grau de compreensão de que é um ser imaterial e que suas encarnações visam apenas seu progresso intelecto-moral e nada mais que isso - sendo passageiras as construções no mundo material, tanto assim que das civilizações do passado, no máximo, restaram alguns poucos vestígios, como se fossem “material de demolição”, reaproveitado em realizações novas, pois, por outro lado, também “na Natureza, nada se perde, nada se cria, tudo se transforma” – então, apesar de continuar cumprindo suas obrigações como cidadão, profissional e pai ou mãe, passa a priorizar seus investimentos espirituais, preparando-se para a vida no mundo espiritual, que é nossa pátria definitiva.

Para tanto, o desapego é uma virtude imprescindível, devido à sua abrangência, como veremos neste estudo, não se restringindo à mera doação de alguns bens materiais que já estão gastos pelo uso, que passamos às mãos dos momentaneamente mais necessitados que nós mesmos. Normalmente, quem pratica essa “caridade” incompleta está simplesmente repetindo indefinidamente, sem se decidir pelo passo seguinte, o primeiro degrau da virtude do desapego, que vai ao infinito, tendo Jesus como Modelo, mantendo-se esses principiantes do desapego, na verdade, ligados pelo coração aos bens materiais, renunciando a algumas coisas supérfluas ainda a contragosto, pagando, perante Deus, o tributo da escravidão mental da observação criteriosa de Jesus: “Onde estiver teu tesouro aí estará o teu coração.” O coração desses estará em sobressalto pelo medo das perdas e em pânico pelas efetivas aparentes perdas que Deus determinar na sua vida, inclusive com a desencarnação

compulsória, que a todos aguarda inúmeras vezes durante a trajetória dos Espíritos.

O desapego deve ser interpretado de forma muito mais ampla que a relacionada a coisas, como os queridos irmãos podem depreender, já de início, sendo que, na sua forma ampla, é praticado por poucos, cuja compreensão já amadureceu, enquanto que a maioria retrata o estágio atual de cristianização apenas iniciante da humanidade do nosso orbe, caracterizado pelo descompasso entre a teoria da religiosidade formal e a prática cotidiana das Leis Divinas, ficando os primeiros restritos ao cumprimento de uma obrigação incômoda aconselhada pelas correntes religiosas em geral.

Desapegar-se foi uma das Lições mais importantes que Jesus procurou incutir na mente e no coração dos Espíritos ligados à Terra, porém, até o momento, alcançaram-se resultados comparáveis à construção da base de um grande edifício, mas a incompreensão ainda é muito grande, principalmente entre os encarnados, que aferram-se às posses e interesses materiais, às pessoas a quem se ligam em simbiose estenuante e a quem costumam querer tiranizar afetivamente, além de outros itens abrangentes, que iremos abordar neste estudo.

Grande parte dos Espíritos encarnados sofre pelos bens, interesses e pessoas que gostariam de ter à sua disposição, demonstrando incompreensão quanto aos objetivos primordiais da Vida, enquanto que há Espíritos que estão no plano espiritual saudosos das objetividades puramente materiais, sendo-lhes recomendado, por isso, reencarnar com a brevidade possível, pois não se adaptam ao mundo

verdadeiro, em que nada importa a não ser as virtudes e conquistas do Espírito.

O presente estudo representa o trabalho conjugado entre o aprendizado pessoal do médium - sob nossa orientação e de outros Espíritos por ele se interessam, o qual necessita realizar seu desenvolvimento espiritual, para melhor servir à Causa de Jesus, para a qual recebeu a bênção da reencarnação - tanto quanto o nosso, do lado espiritual, procurando levar aos que habitam presentemente o mundo material as informações que os prepararão para viver melhor a ascensão moral mesmo durante a encarnação: são duas realidades que se interpenetram, como deve acontecer em benefício geral, antecipando a realidade do mundo de regeneração, às cujas portas se encontra a humanidade terrestre, em que não haverá mais barreiras entre encarnados e desencarnados, mas sim o intercâmbio permanente e consciente entre as duas faixas vibratórias, a exemplo do que acontece aí no mundo material entre pessoas que se comunicam pelos modernos recursos da telefonia, internet e outros.

Fazemos, aqui, remissão a alguns ensinamentos de Lao Tsé, no que diz respeito ao apego a Deus, numa homenagem aos esforços daquele Espírito de grande elevação, os quais remontam à velha China, mas que se resumem, no conjunto da sua pregação, ao “Amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”, afirmado com outras expressões, o que, infelizmente, não foi compreendido por muitos dos seus seguidores, até hoje, que se apegaram a rituais e exterioridades inúteis para a evolução espiritual, como, aliás, acontece com muitas Lições nobilitantes das várias correntes

religiosas e filosóficas, cuja missão é de iluminar o caminho da humanidade, sobretudo, a encarnada.

Este estudo deveria ser do interesse de todos, mas sabemos que poucos estão dispostos a ouvir alguém falar em desapego, pois é uma das virtudes mais difíceis de consolidar-se nos Espíritos.

O símbolo desenhado neste livro mostra a estrela, que é o Espírito, ascendendo em direção ao Olho, que é Deus, o que se concretiza com a diminuição do peso perispiritual, pelo desapego, fazendo-se mais leve, até não ter peso algum, e, nessa fase, estando em condições de vivenciar a felicidade, a paz da consciência, a serenidade, o Nirvana, não da inatividade, mas da prática do Amor Universal.

Que Jesus nos abençoe nesta tarefa de tentar contribuir com os nossos irmãos para passarem a investir mais consciente e intensamente no desapego no seu sentido mais amplo, e, em contrapartida, se apegando ao Pai Celestial, que deve constituir-se na meta de Amor mais importante, como ensinaram Jesus, Lao Tsé e outros missionários, cada um na sua época e no contexto humano próprios, segundo criteriosa programação do Sábio Governador da Terra.



1 – A VIRTUDE DO DESAPEGO

O egoísmo é uma das chagas da humanidade, sendo-lhe a virtude oposta correspondente o desapego, que significa a capacidade de renunciar a tudo que não seja realmente essencial, não se restringindo aos bens materiais, mas também a qualquer outro tipo de benefício.

O nível de desapego de cada Espírito revela sua estatura espiritual, podendo-se considerar como referencial máximo Jesus, que no-lo ensinou quando disse: “Não tenho uma pedra onde descansar a cabeça.”

Por ter ciência de que o Mundo Espiritual é nossa verdadeira pátria, sendo a vida terrena mera passagem temporária necessária, principalmente para quem ainda se encontra nos degraus inferiores da evolução moral, os Espíritos Superiores não se apegam às coisas e interesses materiais.

Assim, quem pretende evoluir moralmente necessita desapegar-se, o máximo que conseguir, de tudo que não possa levar para o Mundo Espiritual, ou seja, o que não sejam suas próprias aquisições intelecto-morais. Tudo o mais, inclusive o corpo físico, como se sabe, fica para trás na trajetória para a pátria verdadeira.

Exemplifiquemos, para melhor compreensão, por que compensa desapegarmo-nos desde já.

O Espírito André Luiz descreve a cidade espiritual de Nosso Lar e as regras que ali vigoram, podendo-se entender que regulamentos semelhantes se aplicam às demais urbes espirituais de igual categoria.

Ali cada habitante ou família pode possuir apenas um imóvel para a própria moradia, não havendo a mínima possibilidade de alguém, mesmo os dirigentes, monopolizarem a área imobiliária e, muito menos, explorarem a necessidade dos demais.

Quanto ao salário, é idêntico, em tese, para todos, seja um trabalhador braçal, seja o governador da cidade.

As necessidades básicas são atendidas sem distinção do nível evolutivo, não havendo ninguém colocado à margem da assistência que a Caridade recomenda.

Considerando esses fatores, ainda mais depois da enorme divulgação que o filme Nosso Lar deu a esses aspectos e outros da vida no Mundo Espiritual, não se concebe como muitos de nós ainda vivamos apegados de forma obsessiva aos ganhos materiais, ao poder temporal e a inúmeras questões que nada acrescentam à evolução intelecto-moral.

É necessário atentarmos para o que fazemos dos bens que chegam às nossas mãos, principalmente se lhes estamos dando uma destinação útil aos nossos irmãos em humanidade. Em caso contrário, acordemos para a realidade que nos aguarda, porque podemos ser chamados, a qualquer momento, a “prestar contas dos talentos que recebemos”, na certa quando assumimos o compromisso de realizarmos o Bem.

Quem vive apegado aos bens e interesses terrenos revela, mesmo que afirme o contrário, pouca certeza quanto à vida espiritual, pois, em caso contrário, não tergiversaria em renunciar a muitas coisas do mundo pelas riquezas espirituais, que se traduzem, basicamente, nas conquistas interiores da inteligência e da moralidade.

O tempo urge e não há como adiarmos mais a reflexão sobre o quanto já nos desapegamos de tudo que nos mantém atrelados ao passado primitivista, que nos mantinha jungidos até ao próprio corpo em estado de putrefação, após a morte.

A consciência age automaticamente, apesar do Amor Divino nos conceder sempre novas chances de refazimento moral.



1.1 – DESAPEGO DOS BENS MATERIAIS

Pedimos licença aos prezados confrades para refletirmos juntos sobre o dinheiro na vida de alguns personagens do Cristianismo e na nossa própria vida.

Zaqueu, que viveu muitos anos apegado às riquezas, acumuladas por meios que sua consciência condenou tão logo caiu em si, depois de dialogar com Jesus, abandonou tudo que tinha amealhado e foi viver do próprio trabalho como professor e servidor braçal, conforme lhe foram surgindo as oportunidades, assim, gradativamente, redimindo-se e seguindo adiante na escalada evolutiva, até transformar-se no missionário do Cristo Bezerra de Menezes. Maria de Magdala, vítima da própria luxúria e do apego aos bens materiais, deixou tudo para trás e seguiu Jesus, após receber d’Ele Sua Bênção, passando a dedicar-se ao amparo aos leprosos do corpo e da alma, subindo, nas sucessivas reencarnações, pelos degraus da evolução até chegar a Madre Teresa de Calcutá, a Grande Mãe dos que nunca tiveram mãe que os acalentasse.

Paulo de Tarso, que nasceu em família rica e auferia polpidos salários no malsinado trabalho de perseguidor cruel dos adeptos do Cristo, depois que O encontrou às portas de Damasco, renunciou ao poder material e à fonte de renda da Maldade, passando a manter-se com o trabalho de manufactureiro de tendas, progredindo ético-moralmente pelo futuro afora até o estágio espiritual do *sadu* Sundar Singh, pregando o Evangelho de Jesus entre os tibetanos, na sua última encarnação, no século XX.

E nós, como temos garantido nossa sobrevivência material?

Podemos realmente olhar-nos no espelho da própria consciência e sentirmos a tranquilidade do dinheiro ganho com honestidade e com desapego ou ele nos queima as mãos e

teremos de devolvê-lo à comunidade ou às pessoas, através das doações espontâneas ou escoará por entre nossos dedos com os gastos médicos e medicamentos, tentando, em alguns casos, curas impossíveis?

O desapego aos bens materiais é uma das virtudes mais difíceis para os seres humanos da atualidade, fascinados que ainda vivem pelo consumismo e pelo desejo de mais gozarem de facilidades que cheguem ao ponto de não precisarem sequer exercer algum trabalho...

Não há como amarmos a Deus e a Mamom ao mesmo tempo, já advertia Jesus, ensinando-nos o desapego aos bens materiais, os quais devem cingir-se ao necessário, enquanto habitamos um corpo de carne, pois na vida espiritual, de nada careceremos a não ser da própria consciência em harmonia com as Leis Divinas.

Pensemos no papel que o dinheiro tem representado na nossa vida!

Quando temos uma situação financeiramente confortável na posição de encarnados, isso significa que pedimos a Deus a oportunidade de servir na Causa da Fraternidade, proporcionando benefícios para nossos irmãos e não o resultado puro e simples dos nossos méritos, como se Deus recompensasse Seus filhos com a fortuna material: trata-se de um compromisso que prometemos cumprir, para nossa própria evolução.

Ninguém precisa de tantos bens para viver, sendo Jesus o Modelo mais significativo também nesse aspecto, pois nada tinha de Seu em termos materiais, mas tinha todos os poderes do Espírito, onde reside a verdadeira potência, onde está concentrado o foco do interesse dos seres evoluídos e não no número de propriedades, títulos, renome na sociedade, prestígio de família e outras realidades temporárias.

O aprendiz do Evangelho, dentro do possível, deve guardar para seu uso, apenas o indispensável para bem cumprir suas tarefas, passando a outras mãos, mais necessitadas no momento, tudo que lhe seja dispensável, até como exercício de desapego. Em caso contrário, seu coração estará preso aos bens que “as traças roem e os ladrões desenterram e roubam”.



1.2 – DESAPEGO DOS INTERESSES MATERIAIS

O ideal de realizar grandes feitos é natural e louvável. Todavia, o desapego ao poder é virtude que poucos alcançaram. A maioria, aliás, não faz empenho algum em adquirir essa virtude e só se desliga do poder contra sua vontade...

Um louvável exemplo foi dado por Lúcio Quinto Cincinato (www.sobiografias.hpg.ig.com.br/LuciusQu.html):

[ou Lucius Quinctius Cincinnatus] (519 - 438 a. C.) Guerreiro romano de trajetória parcialmente lendária. Homem simples chegou a cônsul e ditador e, depois de salvar a cidade, tornou-se um dos personagens mais importantes da história de Roma. A república romana atravessava então momentos difíceis por causa de um iminente ataque de volscos e équos, duas tribos tradicionalmente inimigas dos latinos. Um destacamento romano comandado por Minúcio (458 a. C.) enfrentou os équos no monte Álgido, mas ficou acuado num desfiladeiro. Diante da desesperada situação dos sitiados e da própria cidade, os cônsules decidiram recorrer a Cincinato, experiente general que comprovara sua habilidade militar em confrontos anteriores com os volscos. O oficial que procurou Cincinato para entregar a nomeação encontrou-o lavrando a terra. Com dificuldade, conseguiu convencê-lo a aceitar o cargo de ditador, título que lhe outorgava, em caráter provisório, poder absoluto. No comando de um poderoso exército, ele foi ao encontro do inimigo e o venceu, segundo a lenda, em apenas um dia. De posse de vultoso butim, regressou a Roma, renunciou ao cargo e voltou à vida simples de lavrador.

Temos que Cincinato:

a) não procurou o poder e sim foi convidado para exercê-lo;

b) foi-lhe outorgado poder absoluto, mas não consta que tenha agido de forma indevida contra alguém ou em benefício

próprio;

c) cumprida sua missão, renunciou ao poder.

Numa época em que grandes disputas ocorrem pelos postos de comando; em que abusos dos mais graves são praticados por muitos que exercem o poder; em que tudo se faz para continuar em situação de evidência - fica parecendo surrealista o idealismo de um Cincinato.

Mas, o antídoto para essa fúria desenfreada pelo poder está na compreensão de que somente o povo detém o poder.

Em caso contrário, acreditando cada um que o exercício do poder significa a recompensa aos bem dotados, seres superiores que merecem dirigir os destinos dos menos aquinhoados, estaremos utilizando-o, mesmo que minimamente, com desvio ou excesso de poder.

Pensando de forma incorreta e em desacordo com as luzes atuais de valorização do povo, quando chegar a época de deixar o poder, estarão desarvorados, como quem perde um patrimônio pessoal...

Os benefícios terrenos servem apenas enquanto o Espírito está vestido com um corpo de carne, para ter as condições de sustentar-se com a dignidade do trabalho útil e honesto. Todavia, há um limite para se obedecer, a partir do qual se ingressa na faixa do supérfluo, do desnecessário, do perigoso para a própria serenidade do Espírito.

Se alguém nasce com a tarefa do exercício do poder, deve exercê-lo para o bem comum, como Pedro II, o grande e humilde servidor do povo brasileiro; se a tarefa é na área financeira, como Henri Ford ou Bill Gates, que sejam criados postos de trabalho, mas não uma vida dedicada à usura; se a força é o intelecto, como Einstein e Albert Sabin, que seja empregado em favor da Ética e não da imoralidade, da violência e da competição desenfreada.

Cada um tem de prestar contas a Deus dos recursos que d'Ele recebeu, como na parábola dos talentos.



1.3 – DESAPEGO DOS OUTROS ESPÍRITOS

Transcrevemos aqui uma reflexão do livro “Luz em Gotas”, psicografado pelo irmão, então encarnado, Gilberto Pontes de Andrade, intitulada “Para que servem os Amigos”:

Quando o homem pretende ser querido pelos demais, passa a adotar a gentileza e a doçura como formas de conduta. Porém, logo que se apropria da confiança dos seus pares, passa a adotar uma atitude inversa, ignorando as mais mezinhas normas de Fraternidade. Isso tem sido uma realidade no cenário humano.

E não acrediteis que os deslizos, relacionados às regras da gentileza, devam ser atribuídos ao “modus vivendi” atual das coletividades humanas. Pois, embora seja razoável asseverar que não há mais tempo para as pequeninas normas de etiqueta, devemos saber que uma palavra de amizade, uma expressão delicada, um gesto de meiguice, um sorriso ou um aceno cordial sempre encontram guarida, mesmo naqueles que pareçam indiferentes às boas maneiras.

O gesto amável é o passo para sedimentar uma amizade nascente e, também, para apagar uma suspeita infundada, uma informação infeliz uma inspiração negativa.

Não aguardeis, porém, que os outros tomem a iniciativa de serem gentis para convosco: a iniciativa deve ser vossa.

Sejam os vossos hábitos de culto da gentileza um modo de equilíbrio, que deveis impor a vós mesmos como disciplina de autoburilamento da vontade e do comportamento.

E, agindo assim, estareis preparados para viver nas Colônias Espirituais – para onde transferireis, mais tarde, vossa residência, em cujo ambiente preponderam o respeito e a cordialidade, a gentileza e o afeto.

Como ninguém tem a obrigação de vos amar, antes deveis amar os outros.

Respeitai nos ásperos, nos ingratos e nos frios do vosso caminho criaturas infelizes, a quem deveis maior cota de gentileza, pois isso também é Caridade. E deveis agir assim,

principalmente, em vosso próprio lar e em relação aos vossos parentes.

Para a vitória sobre vós mesmos, imprescindível será vos submeterdes a eficiente programa de ação nesse sentido, que não pode ser negligenciado.

São necessárias autoanálise, trabalho sincero, prece constante e sadia convivência com os mais infelizes.

Recordai que a vida física é breve, por mais longa pareça.

A oportunidade abençoada que vos chega não é casual: aproveitai-a, gerando simpatia e fazendo o bem, porque o vosso objetivo agora é o aprimoramento espiritual.

Dignificai a vossa Fé, traduzindo-a em serviços aos vossos semelhantes – como a fonte que se confia ao próprio curso, guardando a Bondade por destino.

Grandes e pequenas ocorrências desfavoráveis sobrevirão, induzindo-vos a declarar, no mundo íntimo, a revolução da revolta incontida, qual se devêsseis quebrar, em crise de ira, a escada que a Vida vos destinou à escalada para o Mais Alto.

Entretanto, quando ainda tendes de comprar o vosso equilíbrio a preço de lágrimas, deveis suportar o tributo da conquista que realizareis na direção da vossa elevação.

No claro caminho que vos foi reservado, encontrareis o lamento, as injúrias e as injustiças daqueles que acreditaram na elevação sem trabalho – e, por isso mesmo, viram-se esbulhados pela própria rebeldia, na vala do desencanto. E encontrareis, também, os que transformaram a própria liberdade em passaporte para a Demolição, angustiados na descrença que geraram para si mesmos.

Prossegui sem esmorecer, auxiliando e construindo, e sereis, por vossa Fé, o alento dos que choram, a Esperança dos tristes, o raio do sol para os que atravessam a longa noite da penúria, o apoio dos amargurados, abnegação que não teme estender o braço providencial aos caídos e o bálsamo dos que tombaram e se feriram no caminho.

Seja a vossa Fé a armadura e o crisol. Com ela defender-vos-eis das arremetidas da Sombra e purificar-vos-eis através da lealdade ao Bem Eterno, marcada, quase sempre, pelo fogo do sofrimento.

Seja a vossa Fé, enfim, o guia para o ingresso na Suprema Redenção, mas, para semelhante vitória, exige-se vossa disposição para abençoar incessantemente e servir sem esmorecer.

Que as bênçãos de Jesus iluminem os vossos caminhos e solidifiquem o vosso Espírito nos trabalhos de cada dia.

Todavia, até quanto aos amigos devemos ser desapegados, para não dificultar sua liberdade de escolha, seu crescimento intelectual e moral, em outras palavras, sua evolução e sua felicidade, querendo submetê-los, mesmo que suavemente, às nossas vontades e critérios de interpretar e viver a Verdade.

Muitas vezes, sob o manto e a aparência de Amar, na verdade, estamos coarctando os voos dos nossos afetos mais caros e sinceros. Devemos aprender o desapego quanto a eles, libertando-os e nos libertando, pois somente o Amor do Pai Criador e Sustentador da Vida detém a Perfeição Absoluta e leva sempre ao Bem, sem jaças.

Amar e ser Amado é o ideal de todos os Espíritos, mas devemos Amar com desapego, Amar libertando, Amar com respeito à individualidade dos outros.



1.4 – DESAPEGO DO CORPO ALHEIO

A visão materialista principalmente de grande parte dos Espíritos encarnados faz cobiçar o corpo alheio, como objetivo de satisfação egoística, muitas vezes sob o pretexto de Amar, mas, na verdade, sendo a intenção secreta a de utilizar maliciosamente os implementos orgânicos, colocados por Deus sob o comando do outro, para fins educativos. Principalmente no relacionamento afetivo a nível de convivência íntima, costuma-se desvirtuar o Amor, tentando explorar a afetividade alheia através do abuso sobre o corpo do ser que se diz Amar.

A falta de verdadeiro respeito à dignidade do outro, que também é filho de Deus, é que leva muitos casais ao rompimento, porque tanto fizeram um contra a honradez do outro, que, no final de algum tempo, o Amor e a admiração iniciais se contaminam com as mágoas e o ressentimento provocados pelos atentados morais que um cometeu contra o outro.

Emmanuel afirma: “Há Espíritos que se Amam profundamente e nunca se tocaram.” As necessidades corporais devem ser colocadas sob o controle ético, para que não se convertam em fonte de desapontamento e decepção, quando não de crimes.

Os implementos orgânicos representam sagrado material que Deus concede aos Seus filhos para evoluírem e nunca para de comprometerem com o Mal. O limite entre o justo e o injusto, o conveniente e o desarrazoado deve ser estabelecido por cada um, atentando para o alerta de Paulo de Tarso: “Tudo me é permitido, mas nem tudo me convém.”

As uniões entre pessoas que se dizem Amar deve ser muito mais de almas que de corpos, embasadas na proposta

de trabalho no Bem, para que sejam gratificantes e duradouras, fonte inesgotável de felicidade, quando escudadas no desapego um em relação ao outro, no seu sentido mais elevado, e no apego a Deus. Trata-se de um aprendizado de muitas encarnações, que somente se perfectibiliza quando o Espírito já está purificado pela dedicação ao Bem, passando a merecer a luz interior, que passa a iluminar seu exterior como já clareou todos os refolhos do seu psiquismo.

É importante começar a investir nessa conquista espiritual, para ser feliz desde agora, e não aguardar algum dia no futuro para começar a respeitar a dignidade de quem está ao nosso lado para evoluirmos juntos, pelo tempo que a Justiça Divina autorizar, pois, do Amor restrito devemos aprender o Amor Universal, como quer nosso Pai.



1.5 – DESAPEGO DA PRÓPRIA INTELIGÊNCIA

A inteligência é uma conquista de cada Espírito, inegavelmente, todavia, se há o mérito individual, resultado do esforço persistente em aperfeiçoar-se, temos de considerar dois fatores nessa situação: a programação amorosa e dedicada dos Orientadores Espirituais, que colocam cada Espírito no contexto exato para mais evoluir, tanto quanto a contribuição de todos os demais seres no crescimento intelectual de cada um. Com razão Ralph Waldo Emerson afirmou, em outras palavras, que somos o resultado feliz da humanidade inteira, pois ninguém deve arrogar-se o mérito da sua intelectualidade somente a si próprio.

Os Espíritos Superiores já aprenderam a gratidão a Deus e a todos os seus irmãos em humanidade, vivendo em constante harmonia com eles, praticando a gentileza e a doçura, ao lado da caridade e da fraternidade, agindo com igualdade e respeitando a liberdade de todos.

Desapegar-se das próprias conquistas intelectuais é aprender a humildade, pois há muitos que se perdem nos desvãos do orgulho pelos títulos intelectuais que adquiriram e, com isso, cortam o elo da intuição, que só beneficia aqueles que nada pretendem além de servir a Deus e à humanidade.

Quem se faz orgulhoso pelo seu cabedal intelectual passa a viver a horizontalidade dos conhecimentos do mundo, mas não aprende a Ciência Divina, que só é revelada aos ‘pobres de espírito’, quer dizer, aos realmente humildes.

As aquisições culturais terrenas são fragmentárias, pois a Cultura dos encarnados é materialista na sua generalidade, e, mesmo as informações mais avançadas em termos de espiritualidade repassada aos encarnados, são parciais, limitadas, pois que a Verdade, no seu significado mais

profundo, vive na pátria espiritual, acessível aos Espíritos desvestidos do corpo físico e gozando da plenitude das suas conquistas evolutivas de muitas encarnações, as quais eles conhecem e valorizam.

Desapegar-se da vaidade intelectual é imprescindível para apegar-se a Deus, cuja Luz somente penetra profunda e integralmente em quem não traz em si a couraça vibracional do apego aos interesses mundanos.

Há quem se envaideceu tanto da própria acumulação cultural que se castigou com a perda da memória, sendo que alguns casos são verificáveis entre os encarnados, vítimas da falta de humildade. “Quem se humilha será exaltado, e quem se exalta será humilhado”, assim afirmou Jesus.

O desapego à aparente superioridade, por causa da cultura, deve fazer parte do esforço diário de cada candidato a aprendiz do Evangelho de Jesus.



1.6 – DESAPEGO DOS INTERESSES ALHEIOS

É importante regozijarmo-nos com as conquistas salutare dos nossos irmãos em humanidade, mas devemos sempre nos colocar, nesses casos, na posição de meros coadjuvantes, parceiros com atuação meramente auxiliadora, mas deixando que eles assumam a responsabilidade pelo próprio progresso, sem o que ficarão eternamente dependentes e frágeis.

A evolução é individual, mesmo que muito amemos nossos afetos mais caros ao coração. Eles é que têm de palmilhar a escalada da própria evolução: compete-nos acompanhar-lhes os passos, ao seu lado, mas não à sua frente, como o guia do corredor cego, que não pode arrastá-lo para a frente, mas apenas avisá-lo sobre algum perigo do percurso.

Os objetivos são individuais tanto quanto os louros. “Cada um está sozinho consigo próprio”, quer dizer, com a própria consciência, portanto, com Deus. A estrada evolutiva é uma vasta e ampla avenida, onde todos seguimos adiante, rumo a Deus, todavia, o que se passa no coração e na mente de cada caminhante somente ele próprio sabe e responde por suas preferências e escolhas.

Participar da vida dos nossos afetos ou daqueles que ainda não conseguimos conquistar é de lei, mas como companheiros de algum tempo, segundo o Planejamento Divino, que, em última instância, programou o Amor entre todos os seres e não apenas entre poucos irmãos, isolados dos demais.

Se nossa intenção é ajudar a evolução alheia, nunca, por outro lado, devemos invejar suas conquistas justas ou injustas, pois, na verdade, somente Deus sabe por que cada um deve deter nas próprias mãos determinados benefícios. Nosso presente significa apenas um espaço de tempo,

diminuto, da nossa viagem para o futuro, tanto quanto acontece com os demais Espíritos. Aquilo que a Justiça divina nos confiou é diferente do que entregou aos demais, cada um devendo olhar apenas para o seu próprio prontuário de deveres a cumprir e não julgar o trabalho alheio, nem nele tentar interferir. Podemos comparar à situação dos trabalhadores da Vinha, referidos na parábola dos trabalhadores da última hora, porque não devemos questionar o salário que cada um venha a receber, uma vez que somente o Pai sabe quanto cada um deve ganhar.

Que nossos “olhos sejam bons”, não cobiçando o salário de ninguém, mas contentando-nos com o nosso, como Jesus ensinou, Ele próprio não tendo “uma pedra onde assentar a cabeça.”



1.7 – DESAPEGO DO PASSADO

Ao reencarnar, cada Espírito é submetido a um processo hipnótico realizado por especialistas nas ciências psíquicas, com a finalidade de adequar-se-lhe o patrimônio mnemônico às necessidades do reinício, que deverá transcorrer, assim, com maiores chances de sucesso. Na verdade, sem esse esquecimento temporário, seria inviável a reabilitação da maioria dos encarnados, que teriam presentes na memória atual seus erros praticados contra os outros e contra si próprios, além das injustiças reais ou supostas que teriam sofrido. André Luiz afirma que quase ninguém suportaria uma vida longa demais na atual realidade terrena, de planeta de provas e expiações, em que preponderam os defeitos morais, porque as lembranças amargas sobrepujariam as cariciosas. Yvonne do Amaral Pereira afirmava que tinha o triste privilégio de recordar-se de várias encarnações anteriores. Todavia, sua situação era especialíssima, porque as lembranças eram necessárias para o sucesso do trabalho doutrinário que lhe competia, inclusive na elaboração dos seus livros.

Há pessoas que gostariam de ter acesso ao próprio passado remoto, o que, todavia, pode lhes prejudicar a atuação na atual encarnação, pois, olhando para trás, correm o risco de se perturbarem. O presente é que importa e os orientalistas têm razão quando aconselham a valorização do “aqui e agora”. Existe quem conserva com excesso de apego papéis, objetos, relíquias e outras lembranças nem sempre convenientes para eles próprios, bem como para eventuais desencarnados que têm a ver com aqueles pertences. Imagine-se a angústia dos personagens históricos com a idolatria de admiradores fanatizados; dos que foram canonizados como

santos sem merecimento; dos que criaram em seu redor da sua pessoa uma aura de superioridade ou negatividade, que pode influenciar indefinidamente as personalidades desequilibradas... Há casos de parentes desencarnados que não conseguem se equilibrar pela emissão mental descontrolada dos encarnados saudosos, vítimas da inconformação ou da revolta...

O passado simplesmente passou e não deve ser perenizado, conforme lição da Mãe de Jesus a Francisco Cândido Xavier ao lhe enviar por Bezerra de Menezes uma frase aparentemente simples, mas de imensa profundidade e digna de reflexão permanente: “Isso também passa.” O pensamento desequilibrado pode atingir seu alvo; a saudade doentia pode desestruturar aquele que precisa de paz; os objetos impregnam-se com o magnetismo de quem os possuiu e quer esquecer o passado para se reformar moralmente.

Recomeçar sempre em bases mais saudáveis e elevadas: esse o caminho, desvinculando-se do que prejudique a paz e a reforma moral. O apego ao passado é prejudicial, tanto que as reencarnações significam recomeços.

Somente os Espíritos Superiores têm condições de suportar as lembranças de um período muito largo de sua existência. Os encarnados que guardam uma tendência ao saudosismo deveriam rever sua forma de pensar, para não estagnarem enquanto tudo chama para a renovação e o crescimento intelectual e moral.



1.8 – SUPERAÇÃO DAS POSTURAS INCONVENIENTES

É de grande utilidade cada um analisar suas posturas para verificar se não estão sendo categorizadas pelos outros como inconvenientes. Francisco Cândido Xavier, por exemplo, era frequentemente importunado por um conhecido que, sempre que o via, achava que o alegraria lhe contando anedotas picantes... Quantos adoram falar o tempo todo do próprio sucesso e outros das suas infelicidades reais ou imaginárias! Outros utilizam um vocabulário chocante a cada passo da conversação, a qual se torna torturante... Outros ainda alugam por horas a fio os ouvidos alheios na narrativa de episódios deprimentes. Há quem fale e não deixe oportunidade de ninguém falar...

A falta de respeito à individualidade alheia, à privacidade dos outros, ao direito de cada um pensar como lhe apraz, tudo isso representam inconveniências que devem ser evitadas, sob pena de se criarem indisposições em todos os ambientes e em relação às pessoas em geral.

Quantas vezes se veem personalidades públicas dizendo despautérios quando poderiam estar contribuindo para o equilíbrio, a paz, a harmonia e o bem-estar geral, infelizmente inclusive no próprio meio religioso, criando situações lamentáveis!

As inconveniências são o retrato do desalinho interior, enquanto que as posturas equilibradas falam em favor de quem as adota. Jesus nunca foi inconveniente, sendo o Modelo que devemos adotar sempre, dentro das nossas possibilidades.



2 – APEGO A DEUS

Não foi por acaso que Jesus colocou em primeiro lugar o Amor a Deus, acima de todas as coisas, valores e pessoas, pois, se, realmente, invertermos essa sequência de prioridades, estaremos errando, com graves consequências para nossa própria vida.

Os Espíritos menos evoluídos têm dificuldade em entender o Pai, justamente porque aprenderam a enxergar apenas com os olhos materiais e não sabem ainda utilizar o pensamento, pelo qual se conhece o Pai e se relaciona com Ele.

Para muitos Deus é uma abstração e há quem Lhe negue a própria existência, apesar de não haver base racional para acreditar que o Universo, regido por Leis perfeitas, tenha surgido do Acaso e que a Vida seja mero acidente da Natureza.

Lao Tsé canta um poema de Amor ao Pai Celestial, homenageando-O e ensinando às gerações que o sucederam a fazer o mesmo.

Jesus nos ensinou o “Pai Nosso”, que é o mais importante legado que a humanidade recebeu, acima mesmo do Sermão da Montanha, porque diz respeito a Deus e não às Suas criaturas.

Apegar-se a Deus significa cumprir-Lhe os Mandamentos, que podem resumir-se no Amor a Ele, a nós próprios, no sentido de evoluirmos, e ao próximo, englobando todos os seres, do mais primitivo ao mais evoluído.

Devemos ensinar nossos irmãos em humanidade também a reverenciar a Deus, orando em Seu louvor e agradecendo-Lhe a benção da vida e não apenas expor-Lhe um rosário de pedidos, muitos até injustos.

O azul do céu, o brilho das estrelas, a claridade do luar, a beleza das paisagens naturais, a saúde do corpo, a inteligência, os afetos mais puros, os sofrimentos físicos e morais, tudo são bênçãos de Deus, para nossa evolução, pelo que devemos agradecer.

Deus quer que sejamos irmãos de verdade uns dos outros e não adversários: por Amor a Ele aprendamos essa Lição, que a recompensa será a felicidade.

O apego a Deus não implica em excluirmos nossos irmãos, mas abraçá-los, pelo pensamento, se possível, abarcando a humanidade toda: isso é apego a Deus, que Ele quer que aprendamos.

Aqueles que ainda não adquiram a humildade não conseguem orar a Deus como quem se dirige confiantemente ao Pai Celestial e, por mais que tentem encarar com naturalidade esse relacionamento, seu orgulho os impede de acercarem-se do Criador com o Amor e que Ele quer dos Seus filhos, entregando-se de corpo e alma a quem nos Ama Infinitamente. Os prepotentes veem nessa entrega uma humilhação, que não se permitem e pagam caro com os sofrimentos que carregam para si próprios com sua impenitência.

A ignorância dos tempos moisaicos, por exemplo, fez com que se tivesse no Pai um Senhor Rude e Severo, quase igual a Júpiter, que oscilava entre a bondade e a maldade, como um ser humano impaciente, inconstante e cioso de poder. Somente com Jesus vimos mais claramente Deus como Pai Amoroso, apesar das afirmações consoladoras de um Lao Tsé sobre Tao, Senhor do Universo.

Não há Amor mais completo e puro que o do Pai, que grande parte da humanidade da Terra, infelizmente, ainda

não tem condições de compreender, justamente porque lhe faltam as virtudes, única porta aberta para ingressarmos na faixa mental da Superioridade e Felicidade dos que procuraram, em primeiro lugar, “o Reino de Deus e Sua Justiça.” Essa porta somente se abre para quem se desapegou de tudo que é incompatível com as Leis Divinas. Felizes dos que já têm Deus no coração e na mente, porque podem repetir, mesmo que em escala infinitamente menor: “Eu estou no Pai e o Pai está em Mim.” Isso representa apego a Deus, que Jesus, Lao Tsé, Francisco de Assis, Sócrates e alguns outros fizeram por merecer.



2.1 – O TAO TE CHING

Neste ponto, transcrevemos o texto intitulado “O Tao Te Ching na Visão Espírita”, que representa o encantamento diante da presença de Deus, reconhecida pelo missionário de Jesus naqueles tempos recuados da evolução da humanidade:

INTRODUÇÃO

Colhemos o texto do seguinte endereço da Internet: http://pt.wikisource.org/wiki/Tao_Te_Ching, todavia nele introduzimos algumas correções, pois a digitação e a própria gramática são ingratas, além de que mudamos o estilo para a prosa e selecionamos apenas os excertos referentes a Tao, que, acreditamos, tenha sido a expressão utilizada com o principal significado de Deus, porém, não antropomórfico, mas Imaterial, Invisível, Perfeito, Infinito, a quem se deve Amar acima de todas as coisas. Não concordamos com a afirmação de alguns de que se trata de uma doutrina panteísta, como podemos deduzir pelas suas expressões sobre Tao. Quando fala em “Tao do homem” presume-se que seja por simples pobreza vocabular daqueles tempos remotos, em que o número de palavras era reduzido, principalmente para expressar as realidades imateriais.

Jesus, como se sabe, nunca deixou de enviar Seus emissários a todos os povos, para ensinar-lhes a Verdade, ou seja, as Leis Divinas. Lao Tsé [1] foi um dos missionários que o Divino Governador da Terra determinou que encarnasse na velha China, a fim de instruir o povo sobre a Verdade. O que se nota é que o texto é um misto de ensinamentos que se podem resumir no “Amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos”. Aliás, essa é a essência de quase todas as correntes religiosas.

Em seguida a cada trecho do livro de Lao Tsé, colocado em *itálico*, estarão nossos breves comentários:

O Tao sobre o qual se pode discorrer não é o eterno Tao; o Nome que pode ser dito não é o eterno Nome; o não-ser nomeia a origem do céu e da terra. O ser nomeia a mãe das dez-mil-coisas. Por isto, no não-ser contempla-se o deslumbramento; no ser contempla-se sua delimitação. Ambos, o mesmo com nomes diversos, o mesmo diz-se mistério. Mistério dos mistérios, portal de todo deslumbramento.

Deus é Infinito e sobre Ele não há palavras do vocabulário humano adequadas para descrevê-l’O, justamente por estar acima de qualquer concepção humana. Por isso Jesus chamou-O simplesmente de Pai, considerando que não haveria melhor expressão para nos informar sobre Ele, pois, comparando-o com os pais terrenos, que reproduzem corpos, o Pai Celestial é o Criador dos Espíritos, ou seja, de tudo o que existe. Deus é um “não-ser”, que tudo criou, diferente do nosso “ser”, que modifica o que já existe. Grande foi o esforço de Lao Tsé procurar dar a noção de que Deus é Espírito, ao contrário do Deus antropomórfico da maioria das correntes religiosas da época. Utilizou, por falta de termos melhores, as expressões: “Eterno”, “Nome”, “Não-Ser”, “Mistério” e “Deslumbramento”.

O Tao é um vaso vazio cujo uso nunca transborda. Abismo! Parece o ancestral das dez-mil-coisas, abranda o cume, desfaz o emaranhado, modera o brilho, une o pó. Profundo! Parece existir: eu não sei de quem é filho, parece ser o anterior ao Ancestral.

Abarca o Universo. Profundidade Infinita. Criador de tudo que existe. Detém o Poder Absoluto. É o Incriado.

O bem supremo é como a água. A água beneficia as dez-mil-coisas sem conflito, habita os lugares que os homens abominam: por isto aproxima-se do Tao.

Para aproximar-se conscientemente de Deus, que é o Bem Supremo, é preciso ser como a água, que faz o Bem a tudo e a todos, indistintamente. Aqui está uma das afirmações do Amor ao próximo.

Ao concluir a obra deve-se afastar-se: este é o Tao do céu.

Apesar de filhos de Deus, a Obra pertence a Ele, que nos honra com a oportunidade de trabalhar na Sua Vinha, mas devemos ter consciência de que somente nosso próprio interior nos pertence e não o que ultrapassa os limites de nós mesmos. O desapego é uma das virtudes, reflexo da noção de que nada nos pertence. Assim Jesus afirmou: “Eu não tenho uma pedra onde assentar a cabeça.”

Olhamos e não vemos: esse se chama J; escutamos e não ouvimos: esse se chama H; tocamos e não sentimos: esse se chama V: estes três não podem ser decompostos, entrelaçados constituem um. Seu alto não é luminoso, seu baixo não é escuro, contínuo... não se pode nomear: retorna ao não-ser. Isto é chamado: forma sem-forma, imagem da não-coisa; isto é chamado: claro-escuro. Ao encontrá-lo não se vê rosto, ao segui-lo não se vê as costas. Voltando ao caminho antigo poderemos reger o presente e conhecer a origem da antiguidade. Isto é: o fio condutor do Tao. Na antiguidade os que atuavam o Tao estavam sutilmente penetrados no místico, tão profundamente que eram irreconhecíveis e, por serem irreconhecíveis, força-se a descrever seu aspecto exterior.

Não há como descrever o Indescritível e, somente pela visão espiritual, Ele é perceptível. Os missionários que antecederam Lao Tsé estavam sintonizados com Jesus,

Representante de Deus para os habitantes da Terra, sendo que tais missionários, por sua elevação intelecto-moral, estavam muito acima da humanidade terrena.

Quem guarda o Tao não deseja o muito e, por não buscar o muito, pode renovar-se.

Quem pensa, sente e age segundo as Leis Divinas tem tudo que é importante para sua evolução intelecto-moral. Por isso Jesus afirmou: “Procurai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e Sua Justiça e tudo o mais vos será dado por acréscimo.”

Ao haver o céu há o Tao. Ao haver o Tao há duração.

O Céu é a representação da perfeição relativa, resultado da evolução intelecto-moral, conforme as Leis Divinas. A continuidade da evolução vai em direção ao infinito.

Quando o grande Tao se retrai, surgem o amor humano e a justiça. Quando a sabedoria e a crítica prosperam surgem as grandes mentiras. Quando os laços familiares se rompem surgem o dever filial e paternal. Quando as nações estão em desordem surgem os funcionários leais.

Deus concede o livre-arbítrio aos seres que já alcançaram a razão, ou seja, a inteligência, na fase humana. Assim, uns optam pelo Bem e outros pelo Mal.

O conteúdo da grande virtude provém inteiramente do Tao. O Tao gera todas as coisas de modo tão ofuscante que obscurece. Obscuras e ofuscantes são suas imagens. Ofuscantes e obscuras, nele estão as coisas. Tenebrosa e insondável, nele está a semente. E esta semente é a verdade e no seu interior está a autenticidade. Da antiguidade até hoje temos de usar nomes para se examinar todas as coisas, mas como sei como surgem todas as coisas? - Justamente por sua semente.

Deus plantou na intimidade de cada ser a consciência, a qual orienta sua evolução rumo à perfeição relativa.

Portanto, quem segue o Tao é um com o Tao, quem segue a virtude é um com a Virtude, quem segue a perdição é um com a perdição. Quem se une ao Tao, o Tao o acolhe alegremente. Quem se une à virtude, a virtude o acolhe alegremente. Quem se une à perdição, a perdição o acolhe alegremente. Onde há pouca fé não se encontra fé. Ao colocar-se na ponta dos pés não se obtém firmeza. Com as pernas abertas não se pode andar. Quem aparece não pode brilhar. Quem se afirma não pode figurar. Quem se gloria não terá méritos. Quem se enaltece não pode perdurar. Para o Tao ele soa supérfluo, parasita, coisas que todos abominam. Por isto, quem está no Tao nelas não cai. Há uma coisa indefinida, mas perfeita, que existe antes do Céu e da Terra. Silenciosa e separada, fica sozinha e imutável: tudo permeia, mas nada põe em risco. Pode ser chamada de Mãe sob o céu. Não sei seu nome: escrevo Tao; forçado a nomear, chamo de Grande. Grande significa além, além significa longe, longe significa retorno. Por isto, o Tao é grande, o Céu é grande, a Terra é grande, o Homem é grande. No Universo há quatro grandes: o Homem é um dos quatro. O Homem segue a terra, a Terra segue o céu, o Céu segue o Tao, o Tao segue a si mesmo.

Jesus, que atingiu elevadíssimo grau de perfeição relativa, como Espírito Puro, afirmou: “Eu e o Pai somos Um”, informando-nos sobre Sua sintonia com Deus. Também disse: “A cada um segundo as suas obras” e “Vós sois deuses; vós podeis fazer tudo que eu faço e muito mais ainda.” Como visto, os antigos chineses tiveram acesso à Verdade, através de missionários que a afirmaram, desde tempos imemoriais.

Coisas que necessitam de reforço constante logo envelhecem: isto é chamado sem Tao. Sem Tao logo não há Tao atuante. Armas não são instrumentos de boa-sorte: são coisas que todos odeiam. Portanto, quem está no Tao com elas não se ocupa.

A não-violência estava, assim, aconselhada há milhares de anos, pois a Paz é de Deus, como consequência do Amor ao próximo.

Tao... o intocável e inominável, embora muito pequeno, o mundo não o pode controlar.

Por que Deus é pequeno? – Por que, pelo estado de ignorância da maioria dos Espíritos, não recebe deles o reconhecimento que deveria ter, todavia, “o mundo não o pode controlar”, mas Ele é quem controla tudo.

Uma similaridade do Tao no mundo: os riachos das montanhas e águas dos vales indo para o rio e o mar.

A água, desde seu surgimento na superfície, passando ao regato e, depois, aos rios, sempre encontra um caminho para chegar ao oceano, e, nesse trajeto, fertiliza as terras por onde passa: assim é Deus, que a tudo e a todos sustenta com Seu Pensamento de Amor Paterno e não há quem ou o que não Lhe receba a influência fecundante.

O grande Tao é transbordante: está à direita, está à esquerda. As dez-mil-coisas provêm dele e ele não as rejeita. Realiza a obra e não as chama de propriedade. Ele veste e alimenta as dez-mil-coisas e não se assenhora delas. Não tem desejos e por isto é pequeno, mas, como tudo depende dele, chamamos grande.

Deus preenche o Universo, por Ele criado. Dá as potencialidades evolutivas a cada ser e a cada um sustenta com Seu Pensamento de Amor Paterno. Seu único objetivo é a Felicidade dos Seus filhos e filhas. É pequeno, inexistente até, para quem não O reconhece como Pai, mas, na verdade, é a Origem de tudo.

Música e iguarias fazem o peregrino estagnar, mas o Tao surge da boca sem som e sem sabor. Olha-se e nada se vê, ouve-se e nada se escuta, usa-se e nunca se esgota. Para comprimir deve deixar expandir, para enfraquecer deve deixar fortalecer, para destruir deve deixar desabrochar, para retirar deve dar: isto é chamado conhecer o invisível.

Os Espíritos encarnados, muitas vezes, se deixam enganar pelo apego às coisas e interesses materiais, esquecendo-se de que são Espíritos em cumprimento de tarefas programadas no mundo espiritual, que visam sua própria evolução intelecto-moral. O mundo espiritual é a verdadeira pátria do Espírito e a realidade que lá encontramos costuma ser quase o oposto da material, sendo seus únicos valores as virtudes.

O Tao é eterno não-fazer e nada fica por fazer. Se reis e príncipes o preservarem, as dez-mil-coisas por si se transformam.

A força do Espírito está no pensamento e, assim, os Espíritos Superiores, mesmo quando encarnados, atuam muito mais através das suas vibrações mentais do que na azáfama diária, no corre-corre atrás das realizações materiais. Mais importante que mudar a realidade exterior é mudar o interior das pessoas, para tanto primeiro mudando a própria.

Portanto, perdendo-se o Tao, eis a virtude; perdendo-se a virtude, eis o amor humano; perdendo-se o amor humano, eis a justiça; perdendo-se a justiça, eis a moralidade. A moralidade reduz a fé e a fidelidade, sendo a origem de toda desordem. O saber prematuro é mera aparência do Tao e o começo de toda loucura. Por isto, o homem maduro atém-se ao real e não à aparência; atém-se ao palpável e não ao impalpável; afasta o ali e agarra o aqui.

Aqui também se aplica a Lição de Jesus: “Procurai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e Sua Justiça e tudo o mais vos será dado por acréscimo.” As realizações sem Deus são como “construir a casa sobre a areia”.

O retorno é o movimento do Tao, suavidade é a operação do Tao. Sob o céu as dez-mil-coisas nascem do ser e o ser nasce do não-ser. Quando uma pessoa superior escuta o Tao, ela pratica zelosamente. Quando uma pessoa mediana escuta o Tao, ela o segue alguns momentos e em outros não segue. Quando uma pessoa inferior escuta o Tao, ela ri às gargalhadas. Se não rir alto, então não é o Tao. Por isto existem as sentenças: O Tao claro parece escuro. O Tao progressivo parece retrógrado. O Tao plano parece escabroso. A Virtude suprema parece um vale. A Virtude firme parece vazia. A Virtude sólida parece vacilante. O grande quadrado não tem cantos. O grande talento não termina cedo. A grande música não se ouve. A grande imagem não tem definição. O Tao se oculta no sem-nome e só o Tao pode bem atuar, dando a si mesmo. O Tao gera o um, o um gera o dois, o dois gera o três, o três gera as dez-mil-coisas. As dez-mil-coisas tem atrás de si escuridão, à sua frente elas abraçam a luz e o vazio lhes dá a harmonia.

Deus é o Criador, outorgando às Suas criaturas o poder de atuar no Universo. Os Espíritos Superiores pensam, sentem a agem conforme as Leis de Deus; os medianos oscilam entre o Bem e o Mal; os rebeldes às Leis Divinas riem dessas Leis, desacreditando do próprio Pai.

Quando o Tao reina sob o céu, usamos corcéis para puxar esterco. Quando o Tao não reina sob o céu, cavalos de batalha procriam nos pastos verdes.

Quando as criaturas são obedientes às Leis Divinas, tudo é harmonia. Em caso contrário, multiplicam-se as rivalidades.

Saber bastar-se no que basta é o bastante. Sem sair de casa conhece-se o mundo. Sem olhar pela janela vê-se o Tao do céu. Quanto mais longe se vai menos se conhece. Por isto, o homem santo não viaja e conhece, não olha e sabe, não age e realiza. No estudo a cada dia se cresce mais, no Tao a cada dia se decresce mais e decresce, decresce, até chegar-se à não-ação. Na não-ação nada deixa de agir.

A força do Espírito está no pensamento e quanto mais se sintoniza com as Leis Divinas mais se adquire força mental.

O Tao dá vida, a virtude cultiva, o ambiente molda, as influências desenvolvem. Por isto as dez-mil-coisas honram o Tao e dignificam a virtude. O Tao é honrado e a virtude dignificada: isto não se ordena, mas vem espontaneamente.

A evolução intelecto-moral de cada Espírito se processa naturalmente, cada um a seu tempo. Deus concede a vida; devemos aprender, cultivar e ensinar as virtudes; o meio onde vivemos propicia o aprendizado; as boas influências auxiliam.

Todas as circunstâncias, positivas e negativas são planejadas por Deus como impulsionadoras da evolução intelecto-moral.

O Tao dá vida, a virtude cultiva e o crescimento se aprimora e a proteção amadurece e a manutenção se renova. O mundo tem uma origem, que se pode chamar Mãe do mundo.

Deus é o Criador, mas pode ser chamado de Pai ou de Mãe.

Se eu tivesse o conhecimento de como agir de acordo com o grande Tao justamente temeria a atividade. O grande Tao é plano, mas o povo prefere atalhos onde a corte é rígida, mas os campos enchem-se de ervas daninhas e celeiros ficam vazios.

Novamente se fala na potência mental. A desconsideração das criaturas pelas Leis Divinas as faz cair nas garras dos Espíritos encarnados e desencarnados voltados para o Mal.

Isto se chama ostentar rapina; não, mas isto não é o Tao. Isto se diz sem-Tao e, quando sem-Tao, não há Tao.

O Mal não é criação de Deus, mas sim consequência da má aplicação do livre-arbítrio pelos seres rebeldes às Leis de Deus.

Fechar as entradas, trancar as portas, abrandar o cume, desfazer o emaranhado, moderar a luz, reunir o pó: isto se chama união misteriosa com o Tao.

Quem evolui intelecto-moralmente adquire cada vez maior poder mental, resultado da gradativa união consciente com Deus.

Raiz profunda, fundamento sólido, o Tao da existência eterna e da visão perpétua.

A evolução intelecto-moral concede poderes inimagináveis aos Espíritos que a conquistam.

Quando o mundo é governado pelo Tao, os mortos não se passam por espíritos.

Quando os encarnados compreendem as Leis Divinas, os desencarnados são encarados com naturalidade, pois tanto uns quanto outros são Espíritos, apenas que vivendo em contextos diversos, mas interligados pelo pensamento.

O Tao é o refúgio das dez-mil-coisas, tesouro dos bons, refúgio dos não-bons.

Deus ampara todas as Suas criaturas, sejam boas ou não-boas, bem como provê às suas necessidades evolutivas.

Mas empunhar o cetro de jade e desfilar em um cortejo festivo não se iguala a assentar e adentrar no Tao. E qual a razão dos antigos apreciarem o Tao? Não é por que se diz: "Quem pede recebe, quem errou evita a perversão?" Por isto o Tao é o bem mais precioso do mundo: agir o não-agir, ocupar o não-ocupar, saborear o não-saborear, engrandecer o pequeno, retribuir rancor em virtude, planejar o difícil quando ainda é fácil, fazer o grande do que é pequeno.

Conhecer as Leis Divinas e praticá-las é a mais importante realização da vida humana e esse estilo de vida proporciona todos os poderes e benefícios úteis à evolução dos Espíritos.

Na antiguidade os que bem atuavam no Tao não buscavam a iluminação do povo, mas sim a sua simplicidade.

A instrução simplesmente enriquece o cérebro de informações, mas as virtudes proporcionam a evolução moral, que mais vale que a primeira. Assim Emmanuel falou: “Aquele que Ama está à frente do que simplesmente sabe.”

Sob o céu todos dizem que meu Tao é grande e, por isto, é anormal. Por ser grande, parece anormal; porque, se fosse normal, há muito teria ficado pequeno.

Deus é Infinito em todos os aspectos, por isso sendo rejeitado pelos orgulhosos, que não admitem nada nem ninguém que lhes seja superior.

O Tao do céu: sem lutar, é hábil em vencer; sem falar, é hábil em responder; sem sinalizar, vêm por si; passo-a-passo, é hábil em planejar.

Deus está acima de todas as Suas criaturas e detém todas as faculdades.

O Tao do céu, como lembra o armar de um arco!

O Poder de Deus é Infinito.

O Tao do Céu tira do mais e completa o menos. O Tao do homem é o contrário: tira do menos para dar ao mais. Mas quem tem a mais para dar ao mundo? - Só o possuidor do Tao.

Jesus disse: “Quem se humilhar será exaltado e quem se exaltar será humilhado.”: assim a Pedagogia Divina ensina Suas criaturas sobre a Igualdade. Enquanto isso, o egoísmo

humano costuma expoliar os que pouco ou nada têm. Todavia, somente tem muito, em termos espirituais, os Espíritos Superiores, os quais dão muito de si aos que lhes estão abaixo na escala evolutiva, auxiliando-os na evolução intelecto-moral.

O Tao do céu não tem sentimentos, mas sempre está com o homem bom.

Deus não distingue entre Seus filhos e filhas uns dos outros, sejam bons ou não-bons, mas recompensa os primeiros para mostrar aos outros que vale a pena serem bons.

O Tao do céu beneficia sem prejudicar, o Tao do homem santo age sem lutar.

Deus somente beneficia, mesmo quando parece castigar. Os Espíritos Superiores nunca castigam a ninguém. Aliás, na “parábola do trigo e do joio”, Jesus afirmou, em outras palavras, que somente Deus “separaria” o joio do trigo. Também disse: “Eu a ninguém julgo.” e “Não Julgueis para que não sejais julgados, pois, com a mesma medida com que medirdes, sereis medidos.”

NOTA

[1] *Lao Zi (em chinês: 老子, transl. Lǎozǐ - pronunciado como Láu-tz, em mandarim) também escrito Laozi, Lao Tzu, Lao Tsé, Láucio, Lao Tzi, Lao Tseu ou Lao Tze (Wade-Giles), foi um famoso filósofo e alquimista chinês. Sua imagem mais conhecida o representa sobre um búfalo, o processo de domesticação deste animal é associado ao caminho da iluminação nas tradições zen budistas.*

A ele é atribuída a autoria de uma das obras fundamentais do taoísmo: o Tao Te Ching (道德經). A

influência deste livro é tão disseminada que tornou-se na atualidade um dos livros mais traduzidos em todo o mundo.

Alguns consideram Lao Zi um personagem mítico, no limiar das lendas. Uma destas lendas conta que ele nasceu com a aparência de um velho, por isto teria recebido este nome ("Lao Zi" significa literalmente "velho mestre"). Muitos consideram que esta lenda pode ser interpretada como uma metáfora sobre a antiguidade do taoísmo, fundamentado em conceitos filosóficos tradicionais anteriores à própria redação do Tao Te Ching.

Alguns estudiosos, como o Dr. Russell Kirkland, chegam a duvidar de sua existência como indivíduo, considerando sua obra um agregado de contribuições de antigos mestres taoístas. Seu texto sobre a "Comunidade Taoista" pode ser encontrado entre os links indicados abaixo nas "páginas externas".

Segundo Ronnie Littlejohn, o material escrito mais antigo associado a Lao Zi aparece nos capítulos internos da obra de Zhuangzi.

As referências mais conhecidas informam que viveu aproximadamente no século VII a.C., entretanto muitos historiadores situam sua vida no século IV a.C., durante a época das Cem Escolas de Pensamento e o Período dos Reinos Combatentes. O cânon religioso taoísta, citado abaixo, o situa quase mil anos antes.

Em sua introdução de sua tradução da obra de Lao Zi TAO TE CHING: O Livro do Caminho e da Virtude, Wu Jyh Cherng comenta sua história conforme os registros do o cânon religioso taoísta, "Lao Tse teria nascido na província de Na Hue, na cidade de Guo Yang, no 25º dia da segunda lua do ano Ken-Tzen da era Wu-Tin (no período entre 1324 a.C. – 1408 a.C.)."

Segundo a mesma fonte, seu pai seria um famoso alquimista da dinastia San que viveu mais de cem anos. Sua mãe e mestra o teria concebido ao engolir uma pérola de luz, e sua gestação teria demorado oitenta e

um anos. “Lao Tse nasceu do lado esquerdo das costelas da sagrada mãe, no jardim da família sob uma árvore de nome Li (ameixeira), com cabelos brancos e orelhas grandes. Por isso, recebeu o nome de Lao Tse (filho velho) e Li Er (orelha grande da ameixeira).” A união dos termos chineses para velho e criança em seu nome justificam seu título de Senhor do Fim e do Princípio.

Foi convidado pelo rei Wen para ser o responsável pela biblioteca real e assumiu o cargo de historiador real até o 19º dia da quinta lua do 25º ano da era do rei Zhao, ano em que “iniciou sua grande viagem para o ocidente, com intuito de chegar aos reinos da atual Índia, Afeganistão e Itália. Durante a viagem, permaneceu algum tempo na fronteira de Yü Men e aceitou o oficial-chefe da fronteira como discípulo. Ditou-lhe vários escritos, entre eles o Tao Te Ching.”

Até este ponto, temos a história mais divulgada sobre a vida do autor do Tao Te Ching, a continuação desta história registrada no canôn taoísta não é tão conhecida.

Ainda segundo o texto de Wu Jyh Cherng:

“Muitos anos depois, teve sua ascensão no deserto de Gobi, durante a qual emanou raios de luz em cinco cores, transformando-se em corpo de luz dourada e desaparecendo no céu.”

“Após sua ascensão, retornou novamente à terra encarnado como filho único do senhor Li Po Yang da província Shu.” Seu discípulo Yi Shi, o oficial da fronteira, o reencontrou na aldeia da família Li. Diante dele a criança de três anos de idade revelou sua verdadeira imagem. Seu corpo cresceu, transformando-se em luz dourada branca. “Lao Tse pronunciou mais um ensinamento: o Tratado Maravilhoso do Princípio Solar do Tesouro do Espírito (Ling Bao Yuan Yang Miao Ching). Após concluir seu ensinamento, os duzentos membros da família Li ascencionaram seguidos por Lao Tse e Yi Shi. Isso aconteceu no dia 28 de abril de 1118 A.C.”

“Depois do segundo nascimento e ascensão, Lao Tse ainda retornou inúmeras vezes para transmitir os ensinamentos e para ordenar as novas tradições. Por isso, é chamado pelos taoístas como Sublime Patriarca do Caminho.”

Wu Jyh Cherng, "Tao Te Ching - O Livro do Caminho e da Virtude de Lao Tse" (tradução direta do Chinês para o português). Editora Mauad. 1996 (a versão completa do livro encontra-se disponível para download na Biblioteca Virtual da Escola do Futuro da USP, link indicado entre as "Páginas Externas", como obra em domínio público)

Segundo a tradição Chinesa, Lao Zi trabalhou muitos anos como bibliotecário real, exercendo o cargo de superintendente judicial dos arquivos imperiais em Loyang, capital do estado de Ch'u. Desgostoso com as intrigas e disputas da vida na corte ele decidiu abandonar esta vida, seguindo para as Terras do Oeste, em direção à Índia.

Ao chegar a fronteira, o guardião de fronteiras Yin-hsi reconheceu sua sabedoria, o reverenciou conforme a tradição chinesa pedindo para tornar-se seu discípulo e pediu a ele que antes de sair da China deixasse um registro de seus ensinamentos por escrito.

Assim, antes de partir Lao Zi escreveu os 81 pequenos poemas que receberam o título de Tao Te Ching.

Brecht e Lao Zi

Bertold Brecht escreveu um belo conto sobre o importante papel deste guardião de fronteiras na transmissão deste legado para a humanidade. O poema foi escrito em 1938 e inserido na terceira parte do volume Poemas de Svendborg, publicado em Copenhague em 1939. O texto completo com a tradução literal deste poema por Marcus V. Mazzari pode ser encontrado em "páginas externas". Esta é a conclusão do texto:

Mas não celebremos apenas o sábio

Cujo nome resplandece no livro!

Pois primeiro é preciso arrancar do sábio a sua sabedoria.

Por isso agradecimento também se deve ao aduaneiro:

Ele a extraiu daquele.

O seu contato com os livros e a sua sabedoria pessoal induziram-no a criar uma doutrina de caráter panteísta segundo a qual o Tao, ou caminho, é o princípio material e espiritual, criador e ordenador do mundo. No terreno prático, preconizou a vida contemplativa e a supressão de qualquer desejo.

Lao-Tsé é tradicionalmente considerado o fundador do taoísmo, movimento com vertentes filosóficas e religiosas distintas designadas por nomes diferentes em chinês: Tao Chia é o termo que se refere ao taoísmo filosófico; Tao Chiao é o termo que se refere ao taoísmo religioso. Junto com o confucionismo e o budismo, o taoísmo integra os fundamentos da tradição espiritual da China.

Seu seguidor Zhuangzi é outro famoso filósofo taoísta chinês cuja filosofia foi muito influente no desenvolvimento do budismo chan e do budismo zen.

A religião taoísta o considera como uma divindade, reverenciada em diversos templos e cerimônias.



3 – EXEMPLOS DE DESAPEGO

O sofrimento de muitos Espíritos encarnados ou desencarnados se deve ao apego em relação a algum ou alguns dos itens mencionados acima. Quem coloca a própria felicidade na dependência de outrem, de alguma coisa ou o que seja, que não seja a si próprio e Deus, corre o risco de estar sempre oscilando entre a satisfação e a insatisfação. Os orientais têm razão ao afirmar que o desejo gera a escravidão espiritual. Aliás, Jesus, em outras palavras, afirmou a mesma ideia quando aconselhou: “Considerai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e Sua Justiça, que tudo o mais vos será dado por acréscimo”, querendo dizer que devemos cumprir as Leis de Deus, e, com isso, nossa recompensa será a paz de consciência, apanágio dos Espíritos Superiores. O “tudo o mais” que nos será dado significa a evolução espiritual.

Sem o desapego não há felicidade, não há tranquilidade, não há evolução.

É preciso que os Espíritos entendam que ninguém “perde” ao se desapegar, mas apenas deixa de ter algo menos importante espiritualmente falando para, em lugar desse benefício, receber outro, muito mais valioso, que é a evolução espiritual, que acarreta mais perfeito contato com Deus e com os Espíritos Superiores. A mudança de uma faixa inferior para outra superior proporciona felicidade, invisível aos olhos, mas real para quem a sente dentro do próprio íntimo.

Quando Jesus afirmou não ter uma pedra onde assentar a cabeça, estava ensinando o desapego como um dos pressupostos da evolução. De que valem os benefícios que não redundem na evolução espiritual? – São apenas ilusões, que costumam conduzir ao abismo moral.

Dentro da realidade dos encarnados, a maior quantidade de benefícios aparenta ser compensadora, quando, na verdade, quanto mais benefícios alguém detém, a tendência é mais escravizar-se a eles, sofrendo, posteriormente, em face da dificuldade que poderá ter de desapegar-se deles quando passar para o mundo espiritual. Por isso falamos no desapego à própria inteligência, pois, em determinadas encarnações, estaremos programados para a pobreza cultural ou as limitações cerebrais.

Na verdade, o único patrimônio inatingível do Espírito são suas aquisições morais. Por isso importa muito mais evoluir moralmente do que no intelecto.



3.1 – JESUS

Jesus, Modelo Máximo de todas as virtudes para os habitantes da Terra, renunciou à própria vida no corpo material, encarando a morte com naturalidade, para ensinar que o Espírito é que é importante e não o corpo.

Desapegado totalmente de qualquer coisa que não fosse o dever de cumprir as Leis Divinas, o Mestre Amado deixou as vestes materiais e logo retornou para mostrar a todos os homens de boa-vontade que a Vida não depende do corpo, o qual é importante para o aprendizado na encarnação, mas não deve nos escravizar.

Morrer representa motivo de temor para a maioria dos Espíritos, pois prezam muito os valores materiais, enquanto que aqueles que já se sublimaram preferem a vida no mundo espiritual, onde nada lhes perturba o prazer constante de fazer o Bem.

Jesus encarnou, viveu e desencarnou sem nenhum apego ao que quer que fosse, inclusive a pessoas, pois sabia que todos viverão para sempre e que o pensamento é o conduto que irmana aqueles que se Amam, independente da distância física ou da dimensão em que estejam.

Conhecedor profundo das Leis Divinas nada temeu perder, nada O abalou, nada esperou da parte dos que não tinham condições de compreender-Lhe os Ensinamentos e fez da Sua parte, aguardando que o Tempo amadurecesse as sementes espirituais.



3.2 – SÓCRATES

A condenação e a morte de Sócrates se assemelham muito ao que ocorreria, alguns séculos após, com Jesus. Habitado ao contato permanente com os seus Orientadores Espirituais, Sócrates encarou sua condenação e morte com serenidade, apoiado por eles, aproveitando até o último minuto de vida para ensinar que a Vida real e definitiva é a espiritual.

Infelizmente, seus discípulos não tiveram coragem moral suficiente para continuar sua pregação da Verdade no nível do mestre, misturando as Luzes do Céu com o lodo da terra, de forma indireta contribuindo para a horizontalidade da Filosofia dos encarnados, que indaga, questiona e pouco avança, porque não considera o Espírito, inclinando-se para o materialismo.

Sócrates, todavia, aparece no horizonte da evolução planetária como uma estrela de grande luminosidade, até hoje não compreendido integralmente, pois lhe valorizaram apenas o que mais se coaduna com a horizontalidade das inteligências distantes de Jesus.



3.4 – FRANCISCO DE ASSIS

Espírito dos mais elevados que já encarnou na Terra, Francisco de Assis viveu e pregou o desapego espontâneo a tudo que não significa o interesse espiritual, representando uma Luz imorredoura no céu escuro da Idade Média, onde predominaram a violência, a ignorância, o fanatismo e a falta de Amor a Deus e ao próximo.

As lições do pobrezinho de Assis sensibilizam milhões, mas são praticadas por relativamente poucos, ainda despreparados para entender a realidade espiritual e tendo os olhos voltados precipuamente para a matéria.



3.5 – JUANA INÉS DE LA CRUZ

A missionária do Cristo em terras mexicanas, amante da Cultura, não teve, porém, um momento de dúvida ao renunciar à rica biblioteca que tinha formado carinhosamente, assim manifestando seu desapego à própria intelectualidade, por entender que lhe competia dedicar-se às obrigações da Fraternidade, através do socorro aos atingidos pelos sofrimentos e moléstias que vitimaram seus contemporâneos.

A inteligência é uma conquista do Espírito, porém, somente supera a horizontalidade e se torna vertical se o Espírito se decide pelo desapego, passando a intuição a mostrar a Verdade.

As pesquisas são nobres na sua intenção de melhorar a vida da humanidade, mas somente a intuição representa a linha direta entre a Espiritualidade Superior e a humanidade encarnada. Os gênios da humanidade foram guiados pela intuição quando mereceram pela humildade e pelas intenções nobres que os caracterizaram.

O desapego é a chave que abre as portas do Céu Espiritual, em todos os sentidos, enquanto que o egoísmo seca a Fonte da Inspiração.



3.6 – FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

De tudo que recebia em presentes ou fruto do seu próprio trabalho, Francisco quase nada reservava para si, tendo apenas conservado para seu uso pouquíssimos acessórios, dos quais não tinha dúvida em dispor sempre que alguém deles necessitasse, assim ensinando o desapego. São célebres os inúmeros exemplos em que, acabando de receber um presente, doava-o imediatamente a outrem, inclusive na presença do próprio presentador, como se lhe dissesse: - Faça mais pelos nossos irmãos necessitados!



3.7 – MADRE TERESA DE CALCUTÁ

O Espírito que encontrou Jesus, sob as vestes de Maria de Magdala, desapegando-se de todos os valores materiais para segui-l’O, realizou, vinte séculos depois, uma nobilitante exemplificação de Fraternidade junto à população sofredora de Calcutá, ensinando a renúncia total a tudo que não represente Amor ao próximo.

Sua vida deveria ser estudada e imitada dentro das possibilidades de cada um, pois representa um dos exemplos mais elevados que a humanidade terrena dos últimos anos teve o privilégio de observar de perto, para aprender o desapego.



3.7 – YVONNE DO AMARAL PEREIRA

Tendo desenvolvido em encarnações passadas inúmeras habilidades, mas, sobretudo, o talento literário, nasceu a médium missionária sob o signo da pobreza, para melhor desempenhar sua tarefa de repórter do mundo espiritual, transmitindo as lições memoráveis de Bezerra de Menezes, Charles e Victor Hugo. Viveu e desencarnou desapegada de tudo que fosse prejudicial à sua nobre tarefa e quem teve o privilégio de conviver com ela, nela encontrou um Espírito que tinha vencido o egoísmo e estava cumprindo seus deveres para com a humanidade sem pretender outra recompensa que a satisfação de fazer o Bem.

Abençoada seja essa benfeitora de muitos sofredores.



4 – JESUS: EXEMPLO MÁXIMO DE APEGO A DEUS

Na Terra ninguém manifestou maior apego a Deus do que Jesus. Mesmo quando disse: - “Pai, por que me abandonastes?” estava absolutamente confiante na Justiça e no Amor do Pai, não havendo da Sua parte nenhuma inconformação, mas aceitação da Vontade do Pai de que suportasse sozinho os últimos minutos do sacrifício. Afinal, quem pode interpretar os desígnios do Pai com aquele temporário “abandono”? Jesus afirmava: “Eu estou no Pai e o Pai está em Mim”, mas, na certa, na maioria das ocasiões o Divino Mestre tinha de agir dentro do Seu livre-arbítrio, como qualquer outra criatura, mesmo sendo um Espírito Puro.

Indagar do Pai não significou ato de rebeldia ou tristeza, mas apenas a formulação de uma pergunta, sendo que os mártires de todos os tempos são igualmente sujeitos às dores físicas e morais muitas vezes em plena solidão, para crescerem espiritualmente, não havendo proteção especial para impedir-lhes as agruras necessárias ao próprio aprimoramento. Francisco Cândido Xavier submeteu-se a algumas cirurgias com os recursos normais da Medicina terrena, apesar da sua missão gloriosa.

Não se deve interpretar as Lições evangélicas de forma reducionista e o fato de nem todos os evangelistas mencionarem essa frase não significa que ela não foi proferida.

Em outra ocasião, quando Jesus indagou do soldado que lhe esbofeteou o rosto: - “Por que me bateste?” não estava recriminando o militar, o qual acreditava na violência, mas marcando-lhe o coração a fogo para produzir nele frutos dali a algum tempo, com vistas ao seu despertar espiritual,

transformando-se aquele Espírito de embrutecido aplicador de castigos em missionário da paz: assim o Divino Pastor das almas realizava o chamento individual, como um amoroso pai terreno não manda chicotear o filho incompreensivo que venha a agredi-lo, mas simplesmente lhe dirá: - “Meu filho querido, não lese sua própria consciência com a prática da agressividade.”

Jesus nunca esperaria que Deus tomasse Seu lugar no dia a dia da Sua encarnação e, muito menos, no sacrifício da cruz, impedindo a reação das células e tecidos afetados pelas macerações que Lhe impuseram, e, como ser humano, perguntou ao Pai se não poderia, pelo menos, amenizar-Lhe os tormentos: isso em nada diminui o Cristo, mas mostra que Ele era um ser humano, apesar Espírito Puro. Compreendamos que Jesus quis exemplificar que os momentos cruciais da vida de cada um devem ser enfrentados com a coragem e a fé em Deus que cada um tiver.



CONCLUSÕES

1) Quanto mais cedo o Espírito se liberta do egoísmo, que é sinônimo de apego, mais evolui intelectual e moralmente, pois até a evolução intelectual - no seu significado mais profundo e não a mera cultura terrena, horizontal e muitas vezes vazia - depende da aprimoramento espiritual, o qual abre as portas da intuição, quer dizer, o equipamento espiritual que permite ouvir-se a voz inarticulada dos Espíritos Superiores, os quais ensinam as Leis Divinas, que não se encontram explicitadas, a não ser fragmentariamente, nos compêndios das universidades terrenas;

2) Quando nos desapegamos de tudo, renunciando espontaneamente as benesses temporárias e, muitas vezes, decepcionantes do mundo terreno, recebemos em troca as recompensas duradouras e luminosas consequentes do apego a Deus;

3) Essa troca representa crescimento espiritual, que proporciona a verdadeira Felicidade, com que todos sonham, mas, no nosso mundo de provas e expiações, somente os desapegados merecem usufruir.



FIM